

apagamos o horizonte” [F. Nietzsche]. *A pregação do evangelho sob as condições da Pós-modernidade*, uma abordagem acerca dos desafios que o pensar pós-moderno impõe à teologia e à pregação cristã, em especial, no que se refere ao anúncio de uma verdade que reivindica exclusividade em um contexto de relatividade religiosa. Ele faz sua abordagem em torno do estudo de algumas teses do filósofo Friedrich Nietzsche e de suas implicações para a reflexão teológica do assunto.

A contribuição de Euler Renato Westphal, professor de teologia sistemática e de ética, recebeu o título *Em busca da humanidade do ser humano*. O autor tem como pano de fundo uma série de reflexões atuais sobre a dignidade do ser humano, fundamentando seu próprio enfoque na concepção bíblica do ser humano como imagem de Deus e destacando a dimensão da gratuidade do ser e do viver humanos. Seu artigo representa um aporte, principalmente para a área da bioética, que representa hoje uma área de pesquisa fundamental no âmbito da antropologia, em especial a antropologia teológica.

Gerhard Hennig, professor na área da teologia prática na Universidade Eberhard-Karls de Tübingen, Alemanha, apresenta um interessante estudo sobre a questão: *Como a Bíblia fala da Poimênica?* Mais especificamente, sua abordagem está voltada para a fundamentação teológica do aconselhamento cristão, no sentido da “cura d’almas”, apresentando enfoque especial na concepção hebraico-cristã de “alma” e, a partir deste, desenvolvendo as implicações para a teologia prática.

O Pensamento sistêmico e o estudo da teologia – Uma contribuição de Carlos T. Grzybowski, mais especificamente do diálogo entre teologia e psicologia.

Desejamos aos leitores de *Vox Scripturae – Revista Teológica Brasileira* leituras que sirvam para abrir novos horizontes e perspectivas no pensar teológico nesta nossa época pós-moderna.



Claus Schwambach
Editor Geral

EVANGELHO SEM VERGONHA*

Klaus Haacker**

Aquele que pretende abordar, em um artigo, algo da irradiação da mensagem bíblica pelo mundo, pode esperar impulsos do trabalho intelectual do apóstolo Paulo. Este defendeu, como nenhum outro, a convicção de que o evangelho vale para todo o mundo e precisa ser transmitido a todos os seres humanos com todos os meios possíveis. A ocasião em que ele fundamentou a sua visão de forma mais abrangente foi quando anunciou a sua visita aos cristãos de Roma. A metrópole da região do Mediterrâneo, que se considerava como a capital do mundo inteiro, consistia, para o apóstolo dos gentios e cidadão romano, Paulo, em um desafio de primeiro escalão. *Urbes et orbis*, a cidade e o globo – essa expressão era utilizada, já na Antigüidade, a um só fôlego em relação a Roma.¹ As batalhas que lá foram travadas colocaram balizas para todo o Império.

Por essas razões, a carta aos Romanos é mais do que um cartão de visita, mediante o qual o Apóstolo quer se apresentar e se recomendar a uma comunidade que ainda lhe era desconhecida. Ela é um manifesto do significado do evangelho para o mundo inteiro. Já a introdução da carta, na qual se espera, normalmente, encontrar apenas declarações pessoais acerca do rela-

* Texto traduzido do alemão por Claus Schwambach. Título original: Klaus HAACKER. *Evangelium ohne Scham*. in: Theologische Beiträge 30 (1999), 23-31. © Theologischer Verlag Rolf Brockhaus. O texto é uma palestra proferida pelo autor na Sociedade Bíblica da Alemanha, em Bergisch-Gladbach, em 19.5.1998, no contexto de uma conferência que versava sobre a divulgação da Bíblia na era da comunicação e do mundo virtual.

** Klaus Haacker (Dr.) é professor na área de Novo Testamento na “Kirchliche Hochschule Wuppertal” (Alemanha). É um dos editores da revista teológica “Theologische Beiträge” e autor de diversas obras na sua área de docência.

¹ Cf. Joseph VOGT. *Orbis Romanus. Zur Terminologie des römischen Imperialismus*. Tübingen 1929, p. 17. [Nota do Tradutor: seguindo o artigo original, as indicações de literatura constantes neste artigo não apresentam a editora, como é a praxe usual nos demais artigos publicados em *Vox Scripturae*].

cionamento entre autor e destinatários, vai de forma decidida para muito além disto e reivindica, já de início, a atenção daqueles que se encontram muito distantes dos ouvintes originais. Apresento os versículos 8-17 em tradução própria:

(8) Primeiramente, agradeço a meu Deus, por meio de Jesus Cristo, no tocante a todos vós, porque em todo o mundo é anunciado a respeito da vossa fé.

(9) Pois Deus, a quem sirvo com a pregação do *evangelho* de seu filho, com meu espírito, é minha testemunha (ele sabe) a respeito da fidelidade com que eu sempre menciono a vós em minhas orações, (10) expressando nelas todas as vezes o desejo de que eu, de algum modo e em algum momento, se Deus assim o quiser, tenha oportunidade de ir visitá-los.

(11) Pois tenho desejo de ver-vos, a fim de repartir com vocês algum dom espiritual, para que vós sejais firmados, (12) ou melhor: para juntamente convosco, em vosso grupo, ser motivado a partir da fé comum, vossa e minha.

(13) É preciso que vós saibais, irmãos: eu já havia planejado mais vezes ir até vós, mas tenho sido impedido até o presente momento; eu igualmente queria conseguir entre vós algum fruto, como entre os demais gentios.

(14) Eu sou devedor tanto a gregos como a bárbaros, tanto a sábios quanto a ignorantes,

(15) e dessa forma me sinto – no que me compete – com a responsabilidade de pregar o *evangelho* também a vós em Roma.

(16) Pois não me envergonho do *evangelho*; pois ele é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu e também do grego.

(17) Pois a “justiça” de Deus se revela nele, de forma confiável e despertando a fé, tal como consta nas Escrituras: “O justo viverá por fé”.

O final desse trecho é visto geralmente como “tema” da carta aos Romanos. É também o trecho bíblico com o qual Martin Lutero se debateu muito. Por muito tempo, ele não podia concordar com o fato de que o evangelho fosse algo que tratasse da “justiça de Deus”; ele ligava a essa expressão o pensamento no juízo de Deus, diante do qual ele, como pecador, jamais poderia subsistir. Como seria possível alegrar-se com um “evangelho” desses? Até que, após intensivos estudos na Bíblia, lhe foi aberta a compreensão de que a expressão “justiça de Deus” se refere ao agir salvífico gracioso de Deus: não era a lembrança de uma exigência, mas, sim, expressão de que Deus se volta justamente também aos pecadores. Então Lutero sentiu-se, como ele escreveu décadas mais tarde, “como nascido de novo, como se seu eu tivesse passado por portas abertas e entrado no paraíso”.²

² Cf. o prefácio de Lutero ao primeiro volume de uma coletânea de seus escritos em latim (1545): WA 54.185s [Nota do Tradutor: WA = Weimarer Ausgabe. Trata-se da edição crítica dos escritos de Lutero].

Muitos pesquisadores de Lutero vêem, nessa irrupção da compreensão da “justiça de Deus”, o momento do nascimento da Reforma. E realmente o conceito “evangelho”, que Paulo explica em Rm 1.16s, se tornou no lema programático da Reforma, e “evangélico” se tornou em expressão designativa para as igrejas que, seguindo o exemplo de Lutero, se orientam especialmente no legado deixado pelo apóstolo Paulo.

Essa redescoberta do evangelho foi um *evento que badalou os meios de comunicação em grande escala*. O meio de comunicação que correspondeu, naquela época, ao estágio mais moderno da técnica de comunicação era a impressão com letras removíveis, que abaixou os custos, de um momento para o outro, a uma ínfima parte dos custos praticados até ali. Sem essa inovação na divulgação de textos, a tradução da Bíblia de Lutero não teria – apesar de sua alta qualidade – se tornado no livro popular, no qual acabou se tornando. (Avalia-se que, em torno do ano 1553, uma em cada dez casas possuía um exemplar da tradução do Novo Testamento de Lutero³). Também muitos outros escritos da Reforma, a saber, pequenos panfletos populares, foram distribuídos em grande quantidade e muitas edições entre o povo. Essa utilização decidida de novos meios de comunicação contribuiu muito para a rápida divulgação dos pensamentos da Reforma.⁴

As oportunidades advindas da nova técnica passaram a estar a serviço de uma consciência de envio incomparavelmente aguçada. Mais especificamente, Lutero não havia apenas redescoberto o *conteúdo* da pregação do apóstolo Paulo; também a *autoconsciência* do apóstolo contagiou o professor de Wittenberg e seus co-batalhadores: *Eu sou um devedor a gregos e a bárbaros, a sábios e a não-sábios; por isso, quanto está em mim, estou pronto a anunciar o evangelho também a vós em Roma. Pois não me envergonho do evangelho*. Ambos, o Apóstolo e o Reformador, não se envergonhavam de defender a sua causa publicamente, mesmo em perigo de vida, diante de autoridades reconhecidas na religião e na política, incluindo até mesmo o tribunal do Imperador Nero, em Roma, ou do Imperador Carlos V, no *Reichstag* em Worms (Alemanha).

Paulo escreve: “Eu não me *envergonho* do evangelho”. Isso significa, contudo, mais do que a mera constatação de que ele não nega a mensagem que lhe foi confiada. O que ele escreve, indica também quais forças se opõem

³ Assim Fritz TSCHIRCH, *Geschichte der deutschen Sprache*, Vol. 2, 2. ed. 1979 (cf. TRE – Theologische Realenzyklopedie – vol. 6, p. 241).

⁴ Cf. Manfred SCHULZE, *Das Wort in Volkes Ohr: Theologie und Erfahrung in Flugschriften der Reformation*, in: A. Grözinger/Johannes von Lüpke (Ed.), *Im Anfang war das Wort. Interdisziplinäre theologische Perspektiven (Veröffentlichungen der Kirchlichen Hochschule Wuppertal, NF 1)*, 1998, p. 81-101.

a esse evangelho e o que é necessário superar por este. Quando nós nos envergonhamos, afinal? Provavelmente, quando nos desviamos daquilo que aprendemos como crianças, daquilo que nossos pais e professores nos legaram, e que nos une com nossos amigos e convivas. A quebra de uma regra de trânsito nós encaramos como sendo “normal”, se isso não prejudica ninguém. Mas um gesto antipático, a quebra de um costume e dos bons modos, uma palavra impensada e que fere: sermos pegos fazendo tal tipo de coisas nos é vergonhoso, de modo que temos o desejo de nos esconder e sumir. Principalmente sobre o calar e o falar existem muitas leis não escritas. Antigamente, eram os temas ligados à área da sexualidade que não podiam ser abordados abertamente. Na sociedade alemã atual, diz-se que há dois temas que são considerados como tabu, sobre os quais não se fala: o dinheiro que se ganha – e Deus.

Chegamos assim no ponto que nos *separa* de Lutero e de sua época. Naquele período, Deus não era algo da esfera privativa do indivíduo, mas assunto importante e até questão de estado, com o qual os que se encontravam na ponta da sociedade se ocupavam, a saber, a elite cultural e, no caso de situação de conflito, até mesmo os governos e o judiciário. Não o falar de Deus em si, mas apenas determinados ensinamentos errôneos sobre Deus eram vistos como irritantes, podendo conduzir a um conflito com o mundo circunstancial e suas normas. A linguagem da Bíblia, a linguagem da igreja e a linguagem do povo podiam permear-se mutuamente. Expressões como “Deus lhe proteja!” e “Graças a Deus!” se tornaram populares porque significavam alguma coisa. Conosco a situação hoje é diferente. Hoje, praticamente só falam publicamente sobre Deus aqueles que precisam fazê-lo devido à sua profissão.

Nossa distância em relação a Lutero e, simultaneamente, a Paulo, aumenta ainda mais se atentamos para o tema da vida deles, o *Evangelho*. Que a mensagem da igreja deva ser um “poder de Deus para a salvação”, é algo que é dito assustadoramente pouco em público. Poder de Deus para a salvação – essa expressão pressupõe: precisa-se de salvação; pessoas se encontram em risco de vida, expostas, sem auxílio a forças ameaçadoras. Não se trata apenas de uma “qualidade de vida melhor”, um pouquinho mais de paz e de solidariedade, ou simplesmente a diminuição de determinados problemas. Onde a salvação é proclamada, ali tudo está em jogo: todo o sentido da vida de uma pessoa, o futuro derradeiro do indivíduo e do mundo.

Nós perdemos, em grande medida, a linguagem⁵ que deveria estar a

⁵ A respeito desta problemática, cf. Ulrich J. KÖRTNER, *Alles hat seine Zeit. Eine Rede über Not und Verheissung der Sprachlosigkeit in Theologie und Kirche*, in: *Theologische Beiträge*, vol. 25 (1994), p. 129-144.

serviço dessa mensagem. E por diversas razões. Até mesmo a frase [célebre na Alemanha] de Konrad Adenauer “A situação ainda não esteve tão séria” não cabe mais em nosso tempo, pois a proposta para a sociedade atual é a de não se criar pânico e nem de dramatizar situações. Nós temos problemas, mas daremos conta da situação! Apenas extremistas espalham o medo e provocam as emoções das pessoas. Tudo que é paixão por alguma causa é vergonhoso para as pessoas e dá a impressão de ser exagerado. O que dá pontos [no lobo] hoje é fazer de conta que se está tranqüilo e minimizar o valor dos problemas.

Se minhas impressões a partir de cultos e de programações eclesiais em meios de comunicação não forem totalmente atípicas, concluo que a linguagem pública da igreja está, em grande medida, acomodada e afinada com o contexto da sociedade atual. Não se enfatiza mais o *Kerygma*, mas a conversação. Uma reflexão sobre situações do cotidiano ou histórias que culminam em perguntas abertas; uma breve menção de Deus ou até de Jesus na metade da última frase – isso é suficiente. Na maioria dos casos, o que a igreja veicula são impulsos éticos, tanto com ou sem a menção de alguma base bíblica. Indícios de alguma ação que se faz com paixão ou ímpeto, encontramos primeiramente na polêmica contra a situação política e os responsáveis por esta. O evangelho como mensagem para pessoas, às quais não se pode auxiliar de outro modo – esse talvez seja o mistério mais bem guardado da igreja. Salvação? – Uma palavra desconfortável, que é vergonhosamente silenciada.

Não afirmo isso como polêmica barata contra outros. Quem de nós não conhece tal receio em situações de diálogos pessoais: queremos “fazer chegar” algo espiritualmente importante às pessoas, mas percebemos que, na linguagem daquele que está diante de nós, não há espaço para isso, simplesmente não há palavras para que ele entenda o que pretendemos dizer. Nós antecipamos a estranheza com a qual contamos e calamos, isso em um momento em que teríamos algo para dizer. E assim nos tornamos devedores de uma mensagem, com a qual poderíamos estar convidando aquele/a que está diante de nós para conhecer o mundo da linguagem da Bíblia e da fé.

Para que não haja nenhum mal-entendido entre nós: a Bíblia não consiste apenas de evangelho. Ela contém uma série de livros cheios de sabedoria de vida, ela trabalha com muitas histórias, com narrativas carregadas de ensino. Inclusive, fazem parte da retórica do evangelho, a fantasia, a empatia e a paciência. Mas um estilo de pregação que está totalmente voltado para causar a aceitação como reação do público não faz mais justiça ao caráter do evangelho. O maravilhar-se da fé sobre o milagre de Deus inicia, muitas ve-

zes, com a estranheza que a pessoa sente ao ouvir tónicas a que não está acostumada. Aquilo que entra sem encontrar resistência em nós, via de regra, não cai no coração, mas entra por um ouvido e sai pelo outro.

Paulo percebeu, como quase nenhum outro autor do Novo Testamento, as dificuldades de compreensão de seus ouvintes ou endereçados. Ele era capaz de diferenciar as coisas de modo preciso e sabia que os judeus tinham ainda outros problemas com o evangelho do que os gregos: *Porque tanto os judeus pedem sinais, como os gregos buscam sabedoria* (1Co 1.22). Ele estava preparado para levar em conta e pressupor diferentes situações (1Co 9.20-22):

Procedi, para com os judeus, como judeu, a fim de ganhar os judeus; para os que vivem sob o regime da lei, como se eu mesmo assim vivesse, para ganhar os que vivem debaixo da lei, ... Aos sem lei, como se eu mesmo o fosse... para ganhar os que vivem fora do regime da lei. Fiz-me fraco para com os fracos, com o fim de ganhar os fracos. Fiz-me tudo para com todos, com o fim de, por todos os modos, salvar alguns.⁶

Conquistar, para salvar: Esse alvo de ir ao encontro do grupo alvo está diante de um limite em relação à acomodação para com esse grupo: não se pode perder a dimensão de que a *salvação* é o que se pretende alcançar. Por essa razão, Paulo não pôde poupar nem os Judeus e nem os Gregos da estranheza a respeito da essência de sua mensagem. No centro desta se encontra o Crucificado, uma figura que estava à margem de todos os conceitos de valor da Antiguidade. Tão desconfortável quanto o fato de que Deus quer resolver o problema para nós através de Jesus, o crucificado, é o fato de que nós mancamos atrás de nossos grandes ideais e de nossas boas intenções.

Como Paulo supera a tentação de se envergonhar da mensagem do evangelho? A continuidade do texto, em Rm 1.18-32, dá-nos uma resposta. O apóstolo arrisca o conflito com a auto-compreensão do mundo, justamente também com a do mundo romano, para dentro do qual ele quer levar o evangelho.

A Roma do antigo tempo dos Césares era praticamente um mundo

⁶ A respeito deste texto e de suas ilustrações a partir de textos de Atos dos Apóstolos, cf. minha abordagem; Klaus HAACKER, *Urchristliche Mission und kulturelle Identität. Beobachtungen zur Strategie und Homiletik des Apostel Paulus*, in: Theologische Beiträge – vol. 19 (1988), p. 61-72.

satisfeito. As guerras civis da República tardia, das quais primeiramente *César* e depois *Augusto* saíram como vitoriosos, já haviam terminado há décadas: as pessoas já haviam aceitado a derrota da democracia, pois a nova ordem política havia presenteado a massa dos cidadãos comuns com tranqüilidade e segurança. Os poetas celebraram, em especial, o início do reinado do jovem Nero como início de uma era da paz, que lembrava a época de ouro dos primórdios.⁷ O tema da substituição de espadas por arados encontra-se em uma poesia romana daquele período!⁸ Interpretava-se que todas essas bênçãos eram expressão do bem-querer dos deuses de Roma. A *Pax Romana*, a paz na terra, era consequência e expressão da paz com os deuses. Também o domínio dos Romanos sobre os outros povos era merecido e querido pelos deuses; afinal, os Romanos traziam aos inimigos subjugados os benefícios do direito romano (ao qual inclusive o nosso sistema de direito atual deve muito). Nesse ponto, até mesmo o apóstolo Paulo defende, em Rm 13, a posição oficial de Roma.⁹

Esta sensação de vida, o apóstolo Paulo arrisca estremecer quando ele, em Rm 1.18ss, desenvolve uma imagem da humanidade, cujo título trata da ira de Deus e cujo conteúdo lamenta o fracasso geral da humanidade diante de Deus e dos semelhantes. O evangelho da salvação pelo poder de Deus é necessário, *pois a ira de Deus se revela do céu contra toda impiedade e perversão dos homens que detêm a verdade pela injustiça* (v. 18).

No assim chamado catálogo de vícios deste primeiro capítulo (v. 29-31), encontramos algumas coisas que também escritores romanos, como Sêneca ou Tácito, criticavam como sendo lados sombrios da sociedade romana daquela época.¹⁰ Lá encontramos alusões a *intrigas* funestas e ao *sistema* fatídico de *denúncias*, cujos rompantes o jovem Nero tentava sufocar, o que ele fez após subir ao trono, baixando os prêmios para determinadas denúncias.¹¹ Quando se fala de *insubordinação aos pais*, então se quer lembrar que o antigo ideal romano da *pietade* havia se dissolvido; os tão comentados assassinatos de mães e pais na casa imperial eram, por assim dizer, apenas a “ponta do iceberg”. Como *inventores de males* e coisas semelhantes, designava-se

⁷ Cf. em especial a 4. *Ekloge* de *Calpurnius Siculus* e a *Pharsalia* de *Lukan* (1.44-47 e 60-62).

⁸ Cf. *Einsiedler Gedichte* 2, p. 30s.

⁹ Cf. Klaus HAACKER, *Kommentar zum Römerbrief* (ThHK 6) – explicação de Rm 13.

¹⁰ Isso vale também para Rm 13.13, como já Martin Lutero destaca em sua preleção sobre a carta aos Romanos do ano de 1515/16, fundamentando suas observações com citações de poetas romanos.

¹¹ Cf. SÜETÔNIO, *Vita Caesarum*, Nero 10.

especialmente pessoas colocadas em altos escalões, que não precisavam sujar as próprias mãos em seus crimes, mas cujos assassinatos planejados eram executados por outros.¹² (Nós iríamos falar de “criminosos de escritório”). Exemplos para “*inveja, assassinato, contenda, dolo, malignidade*” se deixariam encontrar, sem esforço, nos escritos de Tácito e de Suetônio sobre o período inicial dos Césares. Naturalmente não falta, na lista de Paulo, uma menção à *avareza* e outras posturas sociais inconvenientes. Um espaço bastante amplo é dedicado ao lamento acerca de uma *vida sexual desregrada*, que não vive mais da atração natural entre homem e mulher, mas está fixada em pessoas do mesmo sexo ou em práticas degradantes (v. 24-27).

Todos esses inconvenientes e problemas de comportamento não constituem, para Paulo, o verdadeiro problema, mas são apenas sintomas. Ele não teria, nem em sonho, chegado à idéia de ir ao *Forum Romanum* e realizar prédicas morais acerca da melhoria dos costumes. O fracasso humano, nas mais diferentes áreas da vida é, em seus olhos, apenas a consequência de um relacionamento quebrado com Deus: no lugar de dar ao criador a honra, os seres humanos desperdiçam sua gratidão e sua dedicação a coisas criadas, deste mundo. Adorava-se e se temia às estrelas, como poderes que determinavam o destino. Césares eram declarados deuses após a sua morte ou até já em tempos de vida. A eles as pessoas precisavam oferecer sacrifícios e em nome destes fazer juramentos. Até mesmo determinados animais eram vistos, em alguns cultos, como seres divinos. Esse abafamento e esse desprezo ao Deus vivo e verdadeiro era, para Paulo, o verdadeiro pecado, para o qual não havia desculpas (v. 20). Todos os demais caminhos errôneos, estultícias e vícios são para ele apenas as consequências de uma existência esquecida de Deus, que não vive mais da única fonte da existência humana. A “ira de Deus”, da qual o evangelho quer preservar, não é um “castigo” aleatoriamente determinado, pelo qual Deus ameaça, mas algo como que o prazo de validade de uma vida que não é renovada constantemente a partir da comunhão com seu criador.

O evangelho de Paulo pressupõe esta diagnose. Ele não tem por alvo direto a mudança das condições da sociedade, mas a cura do mal fundamental, alvejando, assim, a reconciliação com Deus (cf. Rm 5.1-11; 2Co 5.18-21). No entanto, o evangelho ainda assim insiste e conduz a mudanças ali onde o diálogo entre o criador e a criatura novamente é retomado (sobre isso se fala mais tarde, na carta aos Romanos, cf. cap. 6 e 12-15).

Se, a partir daqui, voltamos os nossos olhares para *nosso tempo e nosso contexto*, não podemos deixar de verificar muitas diferenças. O politeísmo

aberto da Antiguidade e a expressa divinização da natureza são passado. Temas que novos movimentos religiosos emprestam de cultos pagãos ainda não representam um papel relevante em termos numéricos, embora exijam atenção. A forma de esquecimento de Deus que marca mais profundamente a nossa cultura ainda é a do *ateísmo* prático e lingüístico – o viver e o falar “como se Deus não existisse”. Que neste contexto outras grandezas se tornam em ídolos, que são cultuadas com sacrifícios incluindo, até mesmo, vidas humanas, isso não é algo evidente, mas se revela primeiramente após uma determinada análise. De diversas formas, o ser humano moderno se colocou a si mesmo, de forma coletiva ou individual, no lugar de Deus, superestimando-se e colocando uma carga por demais pesada sobre si mesmo.¹³ Isso pôde e pode adquirir muitas formas, sendo que apenas os casos extremos caem logo na vista:

No Nacional-socialismo alemão, o povo e a raça valiam oficialmente como o mais valioso bem, na prática, porém, as consciências das pessoas eram comprometidas religiosamente com a pessoa do “*Führer*” [Hitler]. A incompatibilidade com a fé no Deus da Bíblia era compensada, naquela época, de forma jeitosa com uma confissão de boca para fora em favor de um “Cristianismo positivo”.

O “socialismo real” defendeu outros valores, mas também se acerceu de rituais de iniciação pseudo-religiosos e exigiu a pessoa toda para si. Ele declarou guerra, expressamente, contra a fé bíblica em Deus.

Nossa sociedade e cultura atuais são determinadas, de forma crescente, pelas “leis do mercado”, uma expressão que, aliás, enfeita a realidade. Pensa-se no fato de que a ganância pessoal de muitos indivíduos, em especial no âmbito do capital de mercado, direciona as forças da vida econômica. Conforme a Teoria Liberal, é dessa forma que se serve ao bem comum da melhor forma possível. Esse pensamento fez surgir a sociedade industrial moderna, com todas as suas conquistas e, ao mesmo tempo, com muitos males daí decorrentes, que nos trazem muito trabalho nos dias de hoje. Ainda assim, a influência “da economia” sobre muitos setores, que de casa não são rígidos pelo dinheiro, cresce constantemente.

Conforme a palavra de Jesus, em Mt 6.24, o amontoar de riquezas se torna em um ídolo a partir do momento em que ele se torna no valor que determina a construção da própria vida (palavra-chave “culto ao Mamom”). Muitos de nós podemos estar individualmente livres dessa tentação. Mas nossa

¹³ Cf. Horst RICHTER, *Der Gotteskomplex. Die Geburt und die Krise des Glaubens an die Allmacht des Menschen*. Reinbek bei Hamburg 1979.

¹² Cf. PHILO DE ALEXANDRIA, *Flacc* 20; TÁCITO, *Ann* IV 11.2.

ordem social e econômica deve ser avaliada como um todo, em minha opinião, a partir dessa palavra de Jesus. O desenvolvimento crescente em direção a um afastamento das tradições bíblicas da fé pode ser o lado inverso dessa “mamonaização” de todo nosso contexto vital. Não é por acaso que as torres de igreja são ultrapassadas [em altura] por palácios de agências de seguro e por estabelecimentos bancários. As Senhas Diárias dos irmãos Morávios praticamente não aparecem em programas de rádio ou TV, nem em programas promovidos pela igreja. No lugar disso, os anúncios diários a respeito do curso da bolsa de valores e do mercado de ações se tornam determinantes para muitas pessoas.

Uma fundamentação do evangelho, na linha de Rm 1, não precisa sentir-se presa aos temas que Paulo menciona como exemplos do afastamento de Deus. Ela terá que falar das feridas que realmente causam dor às pessoas. Mas não apenas com intenção diaconal e se possível política, mas a partir da pergunta: quem ou o que é realmente o Deus de vocês? De quem ou do que vocês esperam aquilo que dá valor à vida? A alegria da vida de vocês tem um nome, os anseios de vocês têm um endereço? Quais imagens vocês invocam nos hinos de vocês? Para qual causa vocês se dedicam, a quem é dedicado o tempo, a força e a saúde de vocês?

O evangelho não trata da solução de problemas isolados de nossa vida, mas vê nossa vida como um sistema, no qual a relação com Deus, conosco mesmos, com outras pessoas e com os valores materiais estão interligados. Se Deus é tirado, outras coisas tomam seu lugar, tornam-se poderosas às custas de outras partes e acabam prejudicando toda a vida. Essa é a fundamentação do evangelho conforme Paulo o apresenta em Rm 1. Ela lhe confere uma independência interna, de se mover para além dos tabus comuns, de buscar pontos de contato com ideais de seu mundo contemporâneo, e isso independente do círculo de pessoas e das condições de diálogo com os quais está relacionado.

Por fim, uma alusão relacionada à pergunta pelos meios de divulgação do evangelho. No v. 14, o apóstolo fala de uma responsabilidade ou de uma “dívida” diante de todas as pessoas, - Gregos e Bárbaros, Sábios e Não-Sábios. Uma igreja, cujos representantes oficiais são pessoas academicamente formadas, possui irremediavelmente uma afinidade para com a elite cultural e para com o intelectualismo. Ali surge rapidamente o zelo para distanciar-se de formas de expressão consideradas primitivas ou bárbaras, não adequadas à própria cultura. Paulo se sentiu chamado a superar tais momentos de tentação. Quando ele afirma ter se tornado “fraco para com os fracos”, então ele não está se referindo a uma fraqueza física ou corporal, mas à simplicidade

intelectual e à iniciação espiritual. Ele reivindica para si a disposição e a capacidade de *elementarização*. Suas cartas não são necessariamente um exemplo convincente, como já o suspiro encontrado na segunda carta de Pedro (3.15s) deixa transparecer. Mas seu estilo de pregação e de diálogo pode ter sido bem diferente.

Diante de falsos temores perante *novos meios de comunicação* algo curioso da história da interpretação da Carta aos Romanos pode nos servir de advertência. Segundo Rm 10.17, a fé vem pela pregação – em latim *ex auditu*. A palavra grega utilizada para “pregação” - akoh - possui parentesco semântico com akouein, “ouvir”. Houve um momento em que se deduziu daí a opinião de que apenas a pregação verbal, audível, e não a palavra escrita, poderia intermediar a fé – com o resultado de que surdos-mudos não poderiam chegar à fé.¹⁴ Trata-se, contudo, de um mal-entendido lingüístico, além de ser historicamente funesto. Paulo provavelmente atuou de forma mais intensa como escritor, por meio de suas cartas, do que por meio de sua pregação oral, e a Cristandade primitiva divulgou os seus escritos rapidamente na forma de códices, que estavam se instalando naquele período, e não na forma tradicional de rolos. Ou seja, a divulgação do evangelho não é ameaçada tanto por novas formas de comunicação, mas muito mais por nossos próprios temores e reservas interiores, aos quais Paulo dá seu “Não” definitivo em Rm 1.16.

¹⁴ Cf. D. GEWALT, *Die „fides ex auditu“ und die Taubstummen. Zur Auslegungsgeschichte von Gal 3,2 und Röm 10,14-17*, in: *LingBib* – vol. 58 (1986), p. 45-64.